

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRÁTICAS DOCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CALÇOENE – AP

Celeste Ribeiro<sup>1</sup>  
Ana Selma Maciel<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda sobre as crenças e atitudes do professor de Língua Portuguesa frente às Variações Linguísticas em uma escola pública do município de Calçoene – AP e teve como objetivo analisar tais atitudes frente ao processo de variação linguística, considerando em específico os usos e os aspectos social, regional e cultural, ligados a esses usos; além de observar como o ensino de língua portuguesa está veiculando o referido processo. O modelo teórico adotado segue os pressupostos da sociolinguística variacionista preconizado, sobretudo, por Labov (1972), Bortoloni-Ricardo (2005; 2012), Bagno (2007). Os procedimentos metodológicos são de caráter bibliográfico com pesquisa de campo quanti-qualitativa. A coleta de dados foi realizada através de questionários semiestruturados e a amostra foi composta por três docentes de Língua Portuguesa. Os resultados evidenciaram que as atitudes do professor de Língua Portuguesa frente ao processo de variação linguística seguem de maneira paradigmática.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas. Variação Linguística. Atitudes linguísticas.

**Résumé:** Ce document traite de la professeur de linguistique portugaise devant Variations à State College Amaro Brasilino Farias Filho dans Calçoene - AP et visait à analyser les attitudes de l'enseignant en face de la procédure de modification de la langue portugaise, compte tenu en particulier de la usages linguistiques réalisés par les étudiants, ainsi que la nature de ces utilisations: sociales, culturelles et régionales; et d'observer comment l'enseignement de la langue portugaise veut transmettre cette procédure. Le modèle théorique adopté suit les hypothèses de la sociolinguistique variationniste préconisé principalement par Labov (1972), Bortoloni-Ricardo (2005; 2012), Bagno (2007). Les procédures méthodologiques sont domaine de la recherche bibliographique avec quantitative et qualitative. La collecte des données a été réalisée au moyen de questionnaires semi-structurés et l'échantillon était composé de trois enseignants portugais. Les résultats ont montré que les attitudes de l'enseignant de langue portugaise avant le processus de la variation linguistique suit d'une manière paradigmatique.

**Mots-clés:** Enseignant. Les pratiques pédagogiques. La variation linguistique. Attitudes linguistiques.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em linguística (UFRJ); Mestre em linguística (UFPA); Professora efetiva da matéria língua portuguesa na UNIFAP; celribeiro042002@gmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Letras Português/Francês (UNIFAP); Professora de língua portuguesa da rede de ensino municipal de Calçoene (AP); selmasousa.ap2@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A linguagem está presente em todas as ocasiões e é inerente ao indivíduo; seu estudo gramatical, estrutural e formal tem sido um constante desafio, o qual, a escola precisa superar e distanciar-se daquele ensino de língua puramente mecânico ou conteudista, procurando estimular o conhecimento e/ou transformação da realidade dos alunos.

O ponto crucial dessa discussão é sobre o papel educativo e social que o professor de Língua Portuguesa desempenha no sentido de redimensionar tal ensino e levar ao conhecimento do aluno, além dos aspectos estruturais, discursivos e pragmáticos, o contexto variacionista da língua, a partir do feixe de variações encontradas no dia a dia dos falantes. Constantemente, estas variações estiveram e sempre estarão presentes no cotidiano, independentemente de qualquer ação normativa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1988) ressaltam que a Língua Portuguesa é constituída de inúmeras variações linguísticas e que a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da “mídia sobre” “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. Certamente, que esse é um grande passo na tentativa de descaracterizar o ensino mecânico da Língua Portuguesa. Conforme assinalam Silva e Efken (2010), a língua é tratada como uma realidade social blindada de regras que devem ser seguidas como há séculos se faz, não se considera que ela é um instrumento necessário ao usuário de um idioma rico em variedades, no tocante às interações comunicativas, acaba-se, muitas vezes, transmitindo-se uma visão equivocada e conseqüentemente, desastrosa no ensino de língua materna nas escolas.

Dessa forma, este artigo volta-se, justamente, para a temática relacionada à Variação Linguística em uma escola Pública do município de Calçoene-AP. A escolha dessa temática justifica-se em função da variação presente em sala de aula, diante da qual se procurou evidenciar quais são as principais atitudes docentes frente a essa temática. Perante isso, o principal objetivo do estudo é analisar as atitudes do professor de Língua Portuguesa frente ao processo de variação

linguística. Partiu-se da hipótese de que esse processo tem sido negligenciado pelo professor em sala de aula.

A metodologia do estudo baseou-se em pesquisa bibliográfica e de campo, de caráter descritivo e com enfoque quanti-qualitativo, tendo como público-alvo três professores de língua Portuguesa da Escola Estadual Amaro Brasilino de Farias Filho.

Desse modo, o presente artigo divide-se em duas seções: na primeira apresenta-se o suporte teórico desse estudo considerando o contexto, concepções e algumas características da variação linguística; além do papel do professor como mediador na interação das diversidades linguísticas. Na segunda seção são apresentados os aspectos metodológicos e os resultados.

## **1- CONTEXTUALIZANDO A VARIAÇÃO LINGUISTICA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA**

Na ação pedagógica do ensino do português, conforme Antunes (2004, p.39), está subentendido, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua, pois, nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos, e tudo, conseqüentemente, se decide até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. Antunes (2004) afirma que “As pessoas, quando falam, não têm a liberdade total de inventar cada uma a seu modo as palavras que dizem, nem têm a liberdade irrestrita de colocá-las em qualquer lugar, nem de compor, de qualquer jeito, seus enunciados”.

Todavia, em relação à questão, Bagno (2007) afirma:

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza do nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom, é precioso e deve ser cultivado. Só não podemos admitir que alguém transforme tudo isso numa arma, num arame farpado, numa cerca eletrificada ou em qualquer outro tipo de instrumento de exclusão social (BAGNO, 2007 p.160).

Deve-se transpor tudo isso e defender a sociolinguística na intenção de aproveitar e trabalhar essas diversidades de línguas, sem medo de que seja um erro e sem discriminações da linguagem diferente. Nesse sentido, Labov (2008), firma que no terreno da educação, o reconhecimento da variação linguística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado de modo radical as concepções de língua de ensino nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) vêm apresentando propostas de organização de conteúdos e delimitação de objetivos que visam à formação do aluno como coautor do conhecimento, não somente um mero reprodutor de terminologia gramatical, deve se orientar o aluno a perceber que a linguística variante não constitui “erro” e sim diversidade da língua. Conforme esses Documentos pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultantes da articulação de três variáveis que compreendem o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento que é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola; a língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente; e o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

De acordo com Bagno (2007), o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, não considera as variedades de cunho geográfico e social, além de que existem preconceitos em decorrência do valor social que é atribuído aos diferentes modos de falar; por isso ainda é muito comum reportar-se às variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Conforme informa Duarte (2010), estamos inseridos em uma sociedade dinâmica, a qual se transforma com o passar do tempo e acaba transformando o modo pelo qual as pessoas estabelecem seus relacionamentos interpessoais. A linguagem utilizada pelos internautas é um bom exemplo de tais transformações, que em meio a tantas abreviações e neologismos termina por criar um universo específico.

Partindo dessa prerrogativa, é válido lembrar que as variações que ocorrem nas línguas se dão em função das formas ou locais de realizações. Assim,

destacam-se as variações diafásicas que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como nos dirigimos ao nosso interlocutor, se formal ou informal: por exemplo, a situação poderá nos levar a dizer para um conhecido que encontramos: “e aí cara”? Ou “Bom-dia, como vai, tudo bom”?

As variações diastráticas ocorrem em função da convivência entre os grupos sociais de uma determinada comunidade linguística. Como exemplo, podemos citar a linguagem usada pelos advogados, pelos surfistas, classe médica, pessoas escolarizadas, pessoas não escolarizadas, entre outras. Já as variações diatópicas, são aquelas ocorridas em razão das diferenças regionais e locais, como, por exemplo, o uso da palavra “abóbora”, é feito somente em algumas regiões do país, como sul e sudeste; em outras, como no norte, usa-se “jerimum”, por exemplo.

Mollica (2004) ressalta que:

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. O português falado no Brasil está repleto de exemplos.

De acordo com a pesquisa feita podemos observar o quanto a linguagem varia de acordo com a região e como ela vai se caracterizando em modos de falas de diferentes lugares.

## **2- O PROFESSOR COMO MEDIADOR NA INTERAÇÃO DAS DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS**

De acordo com Bortoni (2012) quando a criança, o jovem e o adulto chegam à escola possuem competência em sua língua materna, mas em todo caso tem de aumentar a gama de seus recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, tarefa comunicativa e tipo de interação. Os usos da língua são práticas sociais e, muitas delas, são extremamente especializadas, ou seja, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão garantidas nas gramáticas normativas.

Neste sentido a autora discorre que no momento em que o aluno faz uso entusiasmado de uma regra não padrão e o professor intervêm, “[...] as duas variedades se aproximam em sala de aula; como proceder neste momento? É uma dúvida sempre presente entre os professores” (BORTONI-RICARDO, 2012).

É sempre uma polêmica esta discussão, visto que em alguns momentos tal fato é considerado “erro” do aluno, em outro isso é tratado como uma simples diferença entre as duas variantes, padrão e não padrão o que o professor não pode esquecer de acordo com Bortoni (op.cit.) é que, pedagogicamente, é incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Além disso, o professor precisa estar atento às diferenças entre a cultura que ele representa e a da escola, para que possa encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Entretanto, na prática, esse comportamento é ainda duvidoso para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros.

Bagno (2007) retrata que a escola necessita livrar-se de alguns mitos, tais como: de que existe uma única forma “certa” de falar a qual se parece com a escrita e de que a escrita é o espelho da fala, e sendo assim seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

A esse respeito, Monte e Sales (2000) afirmam que:

O tratamento da variação linguística envolve questões sociais, políticas e econômicas e requer dos educadores uma nova postura diante de uma concepção de língua, uma vez que o assunto diz respeito à luta por uma educação mais justa, capaz de favorecer a comunicação para transformar a sua realidade social, tornando-se mais letrados e menos excluídos.

No Brasil, as variações linguísticas constituem uma realidade, justamente por se perceber que cada região, composta por um grande número de indivíduos possui várias formas de se expressar. Assim, o princípio geral é de que a Variação Linguística é inevitável em todas as línguas naturais humanas, sendo totalmente errôneo esperar que os falantes façam uso das mesmas regras ou componentes linguísticos para se expressar, pois dependendo da região, do contexto social, do nível de contato ou mesmo dos hábitos culturais adquiridos, as realizações linguísticas sempre serão diferenciadas entre um e outro grupo de falantes.

No entanto, ainda conforme Bagno (2007), em uma comparação com a produção bibliográfica sobre linguística textual, letramento, leitura, escrita, gêneros textuais, análise do discurso entre outros, logo se percebe que são poucos os títulos que abordam especificamente a variação linguística, pois, e menos ainda os que têm uma clara intenção de ser material didático expressamente elaborado para a prática de sala de aula. O resultado disso é que a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida.

Tendo em vista que a Variação Linguística constitui um desafio para o trabalho do professor, é preciso compreender como se processa e se desenvolve o preconceito linguístico no contexto socioeducativo e de que modo essa atitude tem sido fortemente combatida entre os linguistas e profissionais da Língua Portuguesa na atualidade. A respeito de preconceito, Bagno (2002) comenta:

[...] cabe também ao professor de língua apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística. Como cada um de nós sabe muito bem, a língua é frequentemente usada na prática da discriminação, da exclusão social. O preconceito linguístico vivo e atuante é uma realidade inegável no Brasil.

Para Antunes (2004) o professor de português necessita alcançar sua autonomia didática, empenhar-se com a causa da educação linguística de seus alunos, não pode e nem deve depender apenas das opiniões de todo mundo, como se não tivesse condições de estabelecer seus próprios rumos. Mas para isso, é necessário ter força de vontade, disponibilidade, atitude, condições financeiras favoráveis e tempo para aprofundar-se no tema e poder trilhar seu próprio caminho, buscando, sobretudo, a formação plena e continuada, participar de eventos científicos na área, atualizar suas leituras e ainda procurar ser um professor-pesquisador. Apesar de haver uma gama de matérias disponíveis para os professores, oportunidades de desenvolvimento didático-pedagógico para atuação em sala de aula, ainda se percebe o descaso e até mesmo a discriminação com o tratamento da variação linguística em sala de aula.

Nesse aspecto, o conhecimento das diversas variações socioculturais, geográficas, históricas, estilísticas, entre outras, torna-se fundamental para o professor a fim de que haja reflexos produtivos em sua prática pedagógica. Vale



destacar que na escola é comum o professor defrontar-se com indivíduos que não falam como a maioria do grupo e acabam sendo discriminados linguisticamente.

A este propósito, Bortoni-Ricardo (2004) informa que a maioria dos professores não sabe muito bem como agir nessas circunstâncias, “[...] Os chamados “erros” que nossos alunos cometem tem explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados em uma abordagem sistêmica”. Entretanto, o professor precisa estar preparado para enfrentá-los e atribuir-lhes um tratamento adequado e livre de estigmas ou preconceitos. Pois, respeitar a variedade linguística de cada um significa valorizar o conhecimento intuitivo de quem aprende.

Diante disso, acredita-se que os professores precisam conhecer bem para poderem dar a devida relevância aos conceitos e atitudes referentes à variação linguística, considerando-os em consonância com os demais temas tratados nas aulas de língua, uma vez que, diante do exposto anteriormente, faz-se se *mister* e pertinente a abordagem da sociolinguística em sala de aula.

### **3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Considerando a temática almejada e o objetivo que é analisar as atitudes do professor de Língua Portuguesa frente ao processo de variação linguística na sala de aula, aliamos a pesquisa bibliográfica à pesquisa de campo para desenvolvermos um estudo de abordagem quanti-qualitativo de caráter descritivo que conforme Sampieri, Collado e Lucio (2006) é utilizada na descrição de situações, acontecimentos e feitos, a fim de caracterizar e evidenciar a manifestação de determinado fenômeno.

#### **3.1 INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Foi utilizado o questionário com questões subjetivas e esse instrumento faz-se muito útil na coleta de dados por possibilitar uma visão ampliada e real daquilo que se está investigando, uma vez que as questões propostas direcionam ao que se pretende conhecer sobre o sujeito em questão.

#### **3.2 LOCUS DA AÇÃO**



O espaço da pesquisa foi a Escola Estadual Amaro Brasilino de Farias Filho, situada no município de Calçoene-AP. A escolha ocorreu em razão não só de ser uma das principais escolas do local, mas também por ter muitos alunos que fazem usos linguísticos variados em suas interações orais, caracterizando então a variação linguística. A escola iniciou suas atividades em 1987 e foi criada e denominada definitivamente através da portaria 2024/88 da secretaria de Educação e Cultura. O nome da escola homenageia um ilustre morador que residiu em Calçoene, onde exerceu varias funções importantes como: escrivão, tabelião e oficial de registro civil, foi comerciante e foi um dos responsáveis pela implantação das primeiras escolas no município.

A escola está localizada na Rua Eulálio Modesto, 2408, no bairro Beira Rio, o corpo docente é composto por 33 professores e 18 funcionários de apoio e atende a clientela de 380 alunos; oferece o Ensino Fundamental II de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano), Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram da pesquisa professores da rede de ensino estadual da escola-campo, sendo o professor “A” graduado no curso de Letras, pós-graduado em Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura, além de Metodologia de Língua Espanhola. Está finalizando a segunda graduação no curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal do Amapá, atua há mais de sete anos na escola e leciona nas séries de 7ª e 8ª do Fundamental II e 3ª e 4ª etapa do EJA. O professor “B” é graduado também no curso de Letras e pós-graduado em Metodologia de Língua Portuguesa, atua há quase seis anos na escola e trabalha com as turmas de 6ª, 7ª série do Fundamental II e 3ª e 4ª etapa do EJA. E o professor “C” que está atuando recente na escola, há cerca de seis meses, é graduado em Letras e leciona nas turmas de 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental II. Todos os professores trabalham com a disciplina Língua Portuguesa, com alunos na faixa etária entre 12 a 17 anos, os quais em sua maioria tem origem no próprio município ou nas comunidades próximas.

### 3.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da proposta desse estudo serão explicitados, e interpretados através de análise e discussões dos dados coletados por meio das amostras dos sujeitos participantes. Assim serão apresentados abaixo, os resultados encontrados a partir da aplicação dos questionários aos professores.

### 3.4.1 Análise dos questionários dos Professores

O questionário aplicado aos professores, sujeitos de nossa pesquisa, era composto por 7 questões de caráter discursivo. No entanto, por razões de economia, discutiremos mais diretamente somente as respostas relativas a 4 questões; sendo que a 1 e a 2 do questionário foram analisadas juntas e correspondem à questão 1 abaixo; as outras 3 questões foram diluídas em nossos comentários ao longo dessa análise e nas considerações finais.

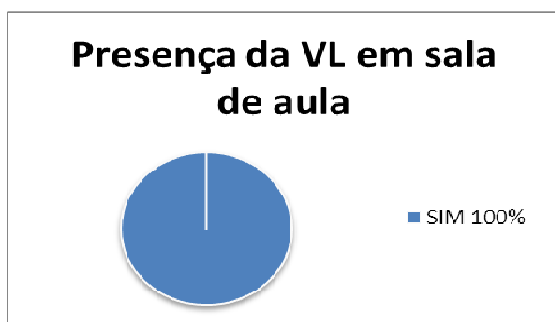
**Questão 1** - Você percebe se há variação linguística em sua sala de aula? Se sim, como isso ocorre?

**Professor A:** *sim, isso ocorre, pois temos na nossa sala crianças vindo de vários lugares, tanto do interior quanto de outras cidades fora do nosso Estado.*

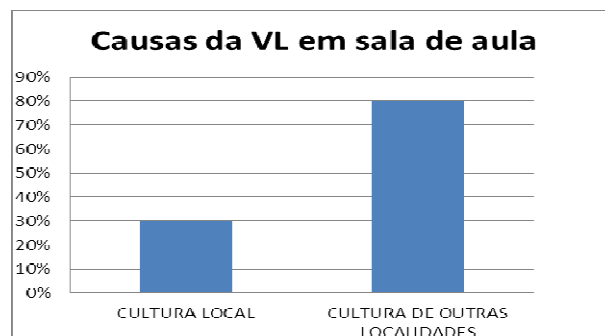
**Professor B:** *sim, pela amplitude da culturalidade e os costumes de cada individuo ali presente, pois cada um vem de diferentes convívios sociais.*

**Professor C:** *sim, isso se deve ao fato das pessoas do município de Calçoene dialogarem tipicamente de acordo com as particularidades do lugar. Além disso, há educandos que são de outros lugares e que diversificam e diferenciam no modo de enunciar diversos nomes de coisas e objetos entre outras expressões.*

Gráfico 1- Percepções da Variação Linguística (VL)



Fonte: Dados de Pesquisa



Conforme se observa nos valores numéricos evidenciados nos gráficos, os professores confirmam a presença da variação linguística em sala de aula e registram que alguns alunos já trazem consigo diferentes usos da linguagem; segundo esses informantes essa variação é percebida através de fatores como a região e a cultura adquirida nessas localidades. De acordo com Bagno (2007) esses fatores são desencadeadores de variação linguística, os chamados fatores extralinguísticos, conforme mostrado no tópico 1. Tal posicionamento desses professores evidencia que eles reconhecem a variação e sabem identificar seus fatores desencadeadores, ou seja, todos eles demonstram conhecer o fenômeno variacionista presente na língua.

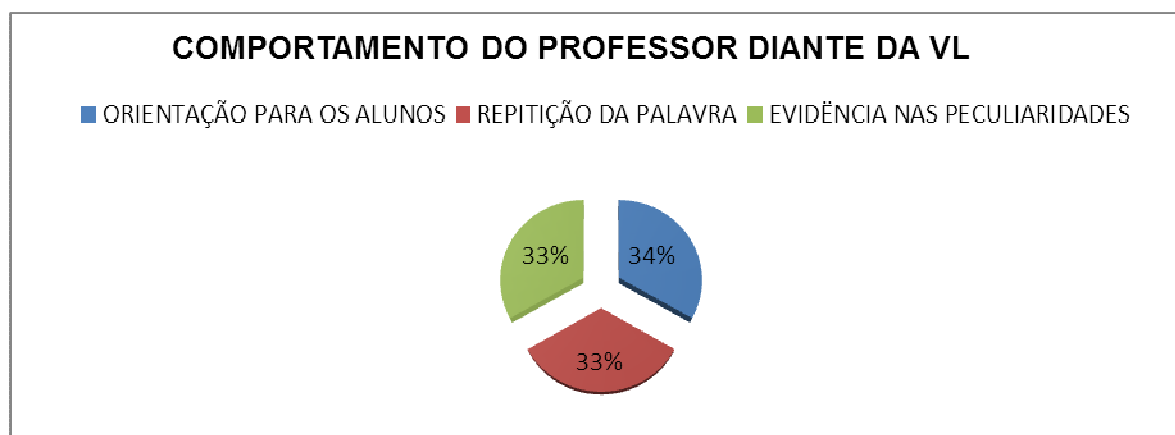
**Questão 2** - De que maneira você se comporta diante dos usos variacionistas que os seus alunos fazem em sala de aula?

**Professor A:** *procuro orienta-los sobre a questão; o problema não é falar “certo” ou “errado”, e sim saber qual forma de fala utilizar, considerando o momento da fala e seu contexto.*

**Professor B:** *às vezes repito a palavra toda devagar para que eles percebam o som.*

**Professor C:** *tento respeitar as diversas formas de variação existentes em sala e colocar sempre em evidência para os demais alunos essas peculiaridades.*

Gráfico 2 – Comportamento do professor diante da VL



Fonte: Dados de pesquisa

De acordo com as respostas dadas e refletidas no gráfico 2, verificamos que cada professor tem sua prática distinta e não poderia ser diferente, entretanto os professores B e C demonstram uma certa vaguidão e ambiguidade em suas respostas, visto que não deixam claro o comportamento adotado diante dos usos variacionistas de seus alunos. O professor B confunde variação com fonema quando enfatiza a repetição sonora, o simples ato de repetir sem uma interferência adequada, sem apresentar exemplos e desconsiderar os diversos usos que ocorrem na língua em função dos diferentes contextos de uso e espaços geográficos, não corresponde a uma atitude muito conveniente no trabalho com a linguagem em sala de aula; por outro lado o professor C diz enfatizar a variação, mas não especifica como faz isso, pois não informa quais peculiaridades põe em evidência em suas intervenções na sala de aula e sabemos que a variação e a heterogeneidade dialetal estão presentes em todos os campos linguísticos. A atitude do professor A é a que melhor se aproxima de uma conduta metodológica mais em consonância com o que preconiza o trabalho variacionista em sala de aula, visto chamar a atenção do aluno para a importância dos contextos comunicativos no momento da realização linguística.

Esse comportamento dos professores reflete o que vimos anteriormente em Bortoni (2004), de que os professores não sabem ainda muito bem como agir diante dos chamados “erros de português”, que são simplesmente diferenças entre as variedades da língua. É no momento em que o aluno faz uso de uma regra não padrão e o professor intervém, fornecendo a variante padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula. A autora também evidencia que nas duas últimas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial aos linguistas, vêm mostrando uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos, que está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.

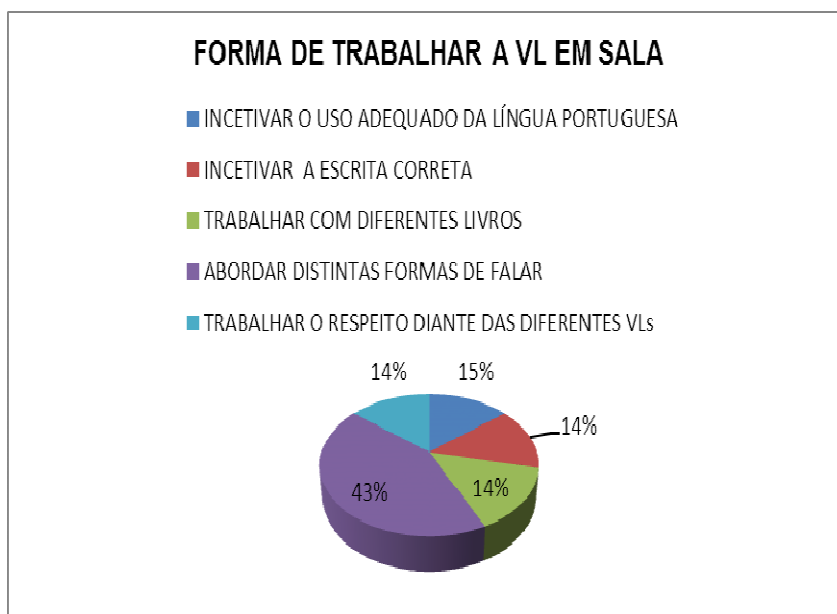
**Questão 3** - De que forma você trabalha a variação linguística em sala de aula?

**Professor A:** *procuro desenvolver nos alunos a capacidade de usar a língua de forma adequada em diferentes situações, eu me preocupo com a escrita em desenvolver a capacidade de escrever corretamente.*

**Professor B:** *trabalhamos vários livros, com algumas formas textuais para que eles percebam a diferença em varias situações.*

**Professor C:** *Abordando as distintas formas de falar, colocando em evidência que o pronunciar e expressar tem suas diferenças oralmente e que não devem ser tachadas como “certo” ou “errado”, mas que precisam ser compreendidas e respeitadas pelas pessoas.*

Gráfico 3 – Forma de trabalhar a VL em sala de aula



Fonte: Dados de Pesquisa

Observamos a partir do gráfico 3 que os professores declaram utilizar estratégias variadas como forma de envolver os alunos no contexto da variação, porém percebemos ainda um trabalho aquém do esperado no que tange ao aspecto variacionista, uma vez que os professores enfatizam a modalidade escrita, sobretudo o professor A; verifica-se que somente o professor C parece considerar a modalidade oral; maior preocupação com a escrita correta (ensino de normas) e, conseqüentemente, valorização da norma padrão; o professor B apresenta confusão entre formas, tipos, gêneros textuais e equívoco em considerar livro por texto, a resposta dele equivale dizer que ele considera textos de variados gêneros; além da não adequação pelo professor C em tratar de pronúncia e expressão, equivalente à manifestação sonora, como aspectos distintos.

Por outro lado, todos eles manifestam preocupação e interesse em considerar no trabalho com a variação linguística, o contexto situacional, isto é, evidenciam em suas práticas a importância do contexto de uso da língua, o que reflete um ensino-aprendizagem relevante e adequado ao tratamento variacionista da língua.

Diante do exposto e a partir dos dados que obtivemos para realização desse trabalho, convém ressaltar que as atitudes do professor de língua portuguesa frente às variações linguísticas da escola em estudo não estão totalmente distantes do que preconizam os teóricos e os documentos oficiais, no entanto precisam ser mais próximas da realidade de uso das pessoas, as reais variações da língua precisam ser mais exploradas pelos professores, em nenhum momento eles abordaram empregos que reflitam usos locais de Calçoene, os exemplos citados retratam apenas o que os autores da área destacam, o trabalho desenvolvido por esses professores repete um ensino padrão que segue um paradigma ditado pelo livro didático. Assim, as atitudes apresentadas espelham, de certa forma, uma postura comprometida com o ensino tradicional com ênfase ainda em um ensino da língua fragmentado, rotulador, preconceituoso e distante das reais concretizações pelos falantes.

Em função disso, Bagno, Gagné e Stubbs (2002) afirmam que a escola não pode se furtar, a reconhecer a realidade tangível que a língua possui, e neste sentido, o professor deve levar em consideração a heterogeneidade linguística decorrente da existência de muitas modalidades escritas ou faladas e pressupor a ocorrência da diversidade da língua e de variantes linguísticas distintas dentro das comunidades de usuários da língua.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se vê a questão da língua e de seus usos estão imbricados, além de estar diretamente ligada à transformação contínua do indivíduo e, portanto, deve ser cada vez mais debatida e testada no ambiente escolar, buscando tornar obsoleta a prática pedagógica existente que insiste em permanecer nas escolas, mesmo com o avanço dos estudos linguísticos e a presença imanente da variação.

Cada vez mais os estudiosos da linguagem têm defendido os diversos modos de falas que envolvem os aspectos regionais, sociais e culturais existentes dentro de um grupo. No campo pedagógico é encontrada a linguagem em suas diversas formas de expressão, porém, cabe aos professores respeitar e trabalhar a heterogeneidade entre os alunos para que possam circular adequadamente nos diversos contextos sociais onde circula a linguagem.

Diante dos resultados alcançados, compreendemos que a ausência de estratégias docentes adequadas torna-se um fator influente no tratamento da Variação Linguística, pois é preciso auxiliar o aluno de forma a compreender as normas de uso da língua, sem denegrir as demais formas de uso da linguagem como a regional, por exemplo.

Por fim, queremos ressaltar que a pesquisa realizada foi muito satisfatória e trouxe contribuições valiosas para nossa formação profissional e prática pedagógica, uma vez que nos revelou o quanto a língua portuguesa pode ser fascinante e diversa, não apenas em termos estruturais e lexicais, mas pelas inúmeras possibilidades de usos e cabe ao professor evidenciar tais possibilidades aos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo; Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, M. *Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- BAGNO, M; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, é agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial, 2005.



- BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo, Parábola editorial, 2004.
- BRASIL. *Ministério da Educação e do desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos*. Brasília, 1998.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos / tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso*. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. SP: Contexto, 2004.
- MONTE, C. T. S.; SALES, A. L. *Uma reflexão sobre a variação linguística e a prática docente no contexto das novas linguagens*. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.
- DUARTE. V. M. N. *Português: o seu sitio da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.portugues.com.br/redacao/tipos-variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 18/10/2014.
- PRESTES, M. L. M. *A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. 4.ed. – São Paulo: Rêspel, 2012.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, P. B. *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Mc Graw-Hill, 2006.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. Cortez. Editora, São Paulo, 2000.